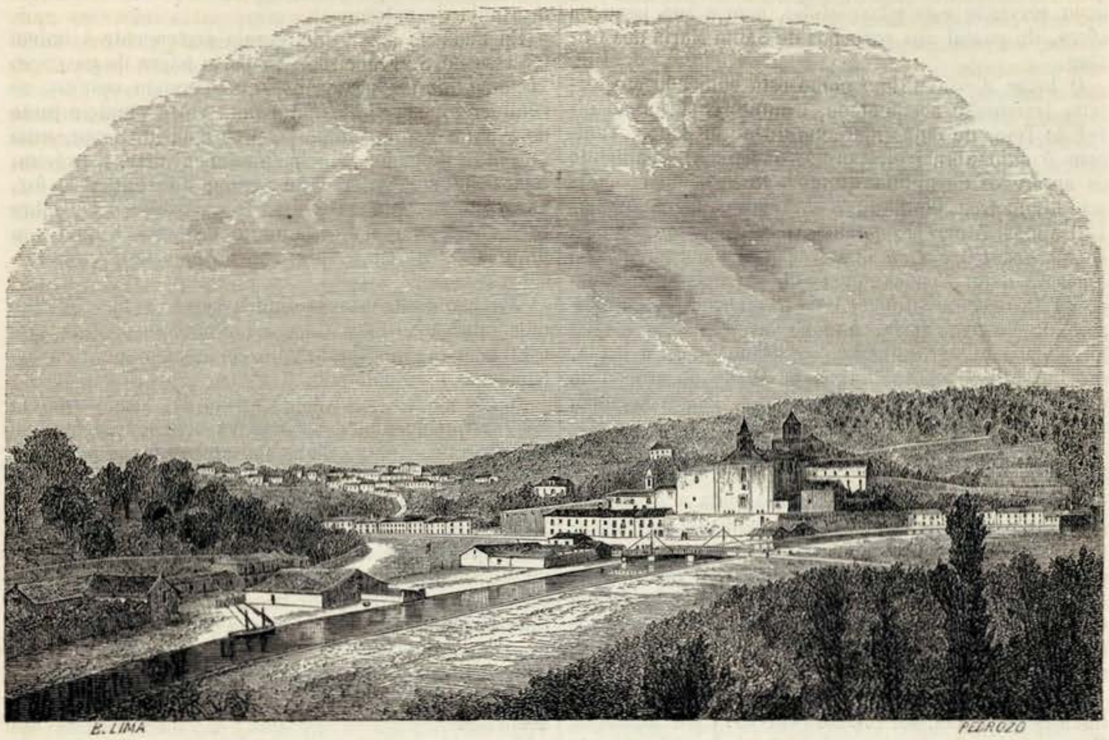


Sacavem

FRAGMENTOS DE UM ROTEIRO DE LISBOA (INÉDITO)

ARRABALDES DE LISBOA

(Vid. pag. 220)

Um pouco além do palacio da mitra [1] começa a estender-se ao longo da estrada marginal do Tejo a casaria do *Poço do Bispo*. É um logar composto de uns 60 fogos e 150 e tantos moradores, comprehendidos na parochia de Santa Maria dos Olivaes. A molestia das vinhas causou bastante decadencia a esta pequena povoação, porque anteriormente davam ahi emprego a muitos braços importantes tanoarias e varios armazens de retem, em que se recolhiam e beneficiavam alguns milhares de pipas de vinho. Este damno foi de algum modo compensado pelo caminho de ferro, que ahi tem a sua primeira estação ao sair de Lisboa.

Ao Poço do Bispo segue-se *Braço de Prata* e *Cabo Ruivo*, sobre o Tejo, tambem pertencentes á freguezia de Santa Maria dos Olivaes. Constam estes dois sitios de varias quintas no interior, e de grandes armazens com extensos caes sobre o rio. Estes armazens eram outr'ora occupados exclusivamente com depositos de vinhos. Entre aquellas quintas avulta a dos srs. viscondes de Juromenha, em Braço de Prata, com um bom palacio, bonito jardim, e um mirante de fórma acastellada, construido em cima de escarpadas rochas sobranceiras ao Tejo. Em baixo, encostados ás mesmas rochas, estão uns armazens particulares de deposito de polvora, munidos de para-raios, e com seus caes de pedra.

Proseguindo pela margem do rio encontra-se *Beirollas*, com uns oito fogos, onde se acham os armazens de deposito da fabrica da polvora pertencentes ao Estado. D'ahi a obra de dois kilometros, pouco mais ou menos, está a foz do rio de Sacavem. Antes porém de nos occuparmos d'este rio, e do logar do mesmo nome, que se assenta nas suas margens, fallaremos dos Olivaes.

No sitio do Poço do Bispo afasta-se do Tejo a estrada marginal, e, internando-se um tanto, vae direita ao logar dos Olivaes, e d'ahi ao de Sacavem. Antes porém de chegar ao primeiro passa por *S. Cornelio*. É este o titulo de um convento que foi dos religiosos arrabidos. Acha-se situado em terreno plano e baixo, cercado de muitos arvoredos que fazem aprazivel o sitio. O sargento-mór João Borges de Moraes fundou este convento em uma ermida dedicada a Nossa Senhora da Estrella, correndo o anno de 1674. Ao principio foi simplesmente uma casa de convalescença d'aquella ordem, mas ao diante, em 1718, teve o edificio alguns augmentos, sendo então constituido em clausura regular. Ainda assim, é um edificio pequeno, e de modesta fabrica; e outro tanto diremos da egreja. Antigamente era notavel este templo pela concurrencia de romarias a festejar o seu orago, e, ainda mais, por uma singular usança do povo n'essas occasiões, que consistia em offerecer ao santo uns cornos de prata, ou de cera, conforme o voto que se tinha feito, e as posses do offerente. Não sabemos com certeza qual fosse a origem d'este costume popular; mas

[1] Já depois que publicámos em um dos numeros passados a parte d'este capitulo do roteiro, que trata do palacio da mitra, foi este vendido no tribunal do thesouro, em praça publica, por pouco mais de dez contos, ao sr. D. José Salamanca. Segundo nos consta fez-se esta venda com o fim de ser empregado o seu producto na compra do palacio que foi do fallecido conde de Barbacena, no campo de Santa Clara, em Lisboa, para ficar servindo de residencia aos patriarchas. Apesar d'essa conveniencia, sentimos que a mitra alienasse a sua melhor casa de campo, e que, para ser considerado um edificio historico, tanto da diocese lisbonense, como do reino, basta-lhe ter sido o logar da morte de um prelado de tanto saber, e de tão distinctos serviços na republica das letras, e na politica, como o cardeal patriarcha D. Fr. Francisco de S. Luiz Saraiva, 2.º do nome na serie dos patriarchas de Lisboa, que indo enfermo para aquelle palacio, com a esperança de melhorar, n'elle falleceu no dia 7 de maio de 1845.

cremos que proveiu do proprio nome de S. Cornelio, e de se pegarem com o santo os lavradores para alcançarem, por sua intercessão, saude para os bois que adoeciam. Pela extincção das ordens religiosas ficou servindo este conventinho, com a sua pequena cêrca, de passal aos parochos de Santa Maria dos Olivaes.

O logar d'este ultimo nome está edificado em terreno levemente accidentado, e muito superior ao nivel do Tejo, de cujas margens dista um pouco. Tambem é sitio aprazivel, porque o cercam egualmente os arvoredos de muitas quintas. Dista de Lisboa uns sete kilometros. Conta quarenta e tantos fogos, e umas 130 almas. A egreja parochial, da invocação de *Santa Maria dos Olivaes*, é de creação tão antiga que se ignora a data. Apenas consta que já existia no anno de 1420. O nome do logar e da freguezia veiu da imagem da Virgem Maria, que n'ella se venera, a qual foi achada milagrosamente, conforme refere a lenda, em um olival, escondida na cavidade do tronco de uma oliveira. Proximo da povoação fica a segunda estação do caminho de ferro.

Sacavem, distante de Lisboa dez kilometros, é um logar de 220 e tantos fogos, com mais de 200 habitantes, uma egreja parochial consagrada a *Nossa Senhora da Purificação*, e um convento de freiras intitulado de *Nossa Senhora dos Martyres*. A povoação está sentada, parte á beira do *rio de Sacavem*, e parte em sitio alto. É tanta a sua antiguidade, que em 1191 já existia aquella parochia. Todavia, o edificio d'esta é de fabrica moderna, e não encerra coisa digna de menção.

O convento de Nossa Senhora dos Martyres, de religiosas capuchas, foi fundado em 1577 por Miguel de Moura, escrivão da puridade del-rei D. Sebastião, e por sua mulher, D. Brites da Costa, em agradecimento de ter sido esta ultima salva do perigo imminente em que esteve de morrer queimada em um incendio que devorou a sua casa. Deram os fundadores ao convento o titulo de Nossa Senhora dos Martyres, em razão de o terem edificado no logar em que havia uma ermida com essa mesma invocação, fundada por el-rei D. Affonso Henriques depois da batalha que n'aquelle sitio ganhou aos moiros, que vinham soccorrer a sua cidade de Lisboa, então sitiada por aquelle monarcha. Denominou-a de Nossa Senhora dos Martyres, porque a construiu no local onde mandára enterrar os christãos mortos na peleja. Ultimamente, existindo no convento uma unica freira, e constando ao governo que se iam desencaminhando as alfaias, paramentos, e até quadros da egreja, foi o dito convento supprimido.

Ha em Sacavem uma *ermida de Nossa Senhora da Victoria*, tambem antiquissima. Diz a tradição popular que o seu titulo primitivamente era *Nossa Senhora dos Prazeres*, e que foi o mesmo soberano que, passados annos depois d'aquelle combate, lhe mudou a invocação em memoria d'este successo. O edificio da ermida tem passado por tantas reedificações, que não mostra vestigios de grande antiguidade.

Outra ermida ha alli, que tem por patrona *Nossa Senhora da Saude*. Foi fundada por occasião da grande peste que assolou Lisboa, e todo o reino, no anno de 1599. Refere a historia d'esta fundação, que sendo extraordinaria a mortandade em Sacavem, e não se podendo enterrar mais gente na egreja parochial, resolvêra o parocho que se levassem os defunctos a enterrar a uma ermida de Santo André, que havia no logar, a qual fôra antigamente hospital de leprosos e albergaria de peregrinos. Cavando-se, porém, para abrir ahi a primeira cova, encontrou-se uma imagem de Nossa Senhora. Divulgada a nova, acudiu o povo, e levando a sagrada imagem logo em devota procissão por todo o logar, com fervorosas preces, para que a Virgem os livrasse de tão duro flagello, tornaram a conduzil-a para a ermida de Santo André, em cujo altar a collocaram. Porém, cessando pouco depois a peste, começou o povo a invocal-a e festejal-a com o nome de *Nossa Senhora da Saude*; e assim mudou a ermida de patrono.

Ha mais no logar uma egreja pertencente á ordem terceira de S. Francisco. Na parte baixa da povoação vêem-se muitos armazens, que serviam outr'ora ao commercio dos vinhos. Em uma vasta planicie junto do rio faz-se annualmente, pelo Espirito Santo, uma boa feira de gado, principalmente cavallar. Esta feira, e a festa de egreja e de arraial que então se faz, attrahem ao sitio extraordinaria concurrencia, sobre tudo desde que ha o caminho de ferro, o qual tem junto á foz do rio, e proximo do povoado, a sua terceira estação.

Proximo d'esta estação estabeleceu-se modernamente uma fabrica de loiça fina, á imitação da ingleza, que está bem organisada, e cujos productos se vão aperfeiçoando e acreditando.

O rio de Sacavem é navegavel até *Santo Antonio do Tojal*, correndo entre montes bem cultivados que lhe apertam o leito. D'ahi vae até ao logar de *Friellas*, do qual toma o nome. É pobre de agua; o que o torna navegavel são as marés do Tejo. Todas as vezes que se trata de fortificar Lisboa renova-se a idéa, que vogou muito em tempos de D. João IV e de D. Affonso VI, de fazer communicar este rio com o Oceano, junto á praça de Peniche, formando d'est'arte uma formidavel linha de defesa da capital, ao mesmo passo que se promovia um grande melhoramento para a agricultura e commercio. Porém similhantes projectos naufragam sempre de encontro ao orçamento das despezas.

Tem sido cortado este rio defronte ou proximo do logar de Sacavem por cinco pontes. A primeira, de pedra, foi obra dos romanos; a segunda, formada de barcas pelo engenheiro Bento Pereira de Moura, foi substituida pela terceira, toda de madeira, incendiada pelo exercito realista na sua retirada das linhas de Lisboa sobre Santarem; a quarta, de cantaria e ferro, feita em substituição d'esta ultima em 1842; a quinta, tambem construida com estes materiaes, para passagem do caminho de ferro. . . . . [1]

A estampa que publicâmos, cujo desenho original foi feito com muita exactidão pelo sr. B. Lima, e cuja gravura muito honra o sr. Pedroso, representa no primeiro plano a parte do rio comprehendida entre a ponte do caminho de ferro e a ponte construida em 1842, por onde passa a estrada real que se dirige ao Porto. No fundo da estampa vê-se esta ponte, e a casaria do logar de Sacavem, do meio da qual se ergue o edificio do convento e egreja de Nossa Senhora dos Martyres.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

AS CONFIDENCIAS DE LAMARTINE

Affonso de Lamartine é o homem mais ingenuamente gastador do mundo inteiro. A sua organisação essencialmente feminina compraz-se por tal fórma n'uma certa atmosphera de luxo e de conforto, que tudo quanto seja sair d'esses ares considera-o pobreza o eminente escriptor. Sejamos justos comtudo; não são unicamente os regalos materiaes e a satisfação da vaidade os gozos que elle encontra na opulencia; são tambem, e talvez em primeiro logar, o ineffavel prazer de valer aos desgraçados, e a consolação de enxugar com o oiro as lagrimas dos infelizes.

[1] Supprimimos os periodos do nosso roteiro relativos a estas pontes, para não repetirmos noticias já publicadas n'este jornal, e que os leitores acharão no artigo a pag. 185 do 3.º vol., que acompanha uma gravura da ponte do caminho de ferro.

Ou simples viajante, ou encarregado de missões diplomaticas pelo seu governo, Affonso de Lamartine tem sempre atravessado o mundo com o fausto e o esplendor que rodeiam os monarchas, e que não seriam necessarios, de certo, para dar brilho ao diadema que cinge a fronte dos que são, como o cantor de Jocelyn, reis da intelligencia. Mas Lamartine, democrata por convicção, aristocrata por instincto, republicano de Athenas, e não republicano de Esparta, entende que o caldo negro de Lycurgo não é absolutamente indispensavel á democracia, e que, d'entre todos os homens illustres da Grecia, foi, de certo, Alcibiades o que percebeu melhor que a austeridade das doutrinas se póde ligar perfeitamente com o gosto do esplendido, e que o prestigio do talento recebe um novo realce do prestigio da opulencia.

Encarregado de negocios de França na capital da Toscana, Lamartine mostrou aos deslumbrados florentinos que Lourenço de Médicis não morrêra, e que nos salões da villa Pamphili se podiam encontrar em miniatura os esplendores do antigo palacio ducal; a magnificencia da festa ligando-se ao encanto da conversação familiar; o deleite da vista e o deleite do espirito; a par das maravilhas, que as torrentes do oiro, derramado a flux pelo grande escriptor, faziam brotar, as maravilhas que produzia a torrente caudal da inspiração do poeta plenipotenciario, inspiração que, felizmente para nós, foi mais inesgotavel do que o oiro.

Viajando depois no Oriente, Lamartine atravessou a Syria e a Palestina rodeado de uma esplendida caravana, e conseguiu deslumbrar a imaginação dos orientaes na sua patria, na terra das Mil e Uma Noites. Todos diriam que Lamartine levava comsigo n'um canto da bagagem a lampada de Aladino, e que o genio se via constrangido a obedecer a um estrangeiro, contribuindo para o espantoso fausto com que elle fascinou as tribus de Palmyra e de Balbek, e obrigou os émires do deserto a tratarem com elle como de potencia a potencia. Ainda hoje a imagem d'esse elegante occidental, que espalhava o oiro a mãos cheias, e que atravessava o deserto montado nos mais finos cavallos arabes, levando comsigo duas gentis figuras femininas, graciosas como duas huris do paraiso christão, sua mulher e sua filha, ainda hoje é recordada á noite, quando os velhos narradores, sentados n'alguma columna estroncada, contam ao seu auditorio maravilhado historias dos tempos que já lá vão, em quanto a lua branqueia os espectros das cidades mortas, em quanto os corceis generosos dormem atados ás estacas em torno do acampamento, e o vento da noite agita as pregas dos alvejantes albornozes dos ouvintes, algum dos quaes, distrahido, entôa a meia voz um trecho da maravilhosa lenda de Antar.

Para fazer tudo isto, e ao mesmo tempo supprir as enormes despezas de caridades suas e de mad. de Lamartine, infatigavel esmoler, que, occulta sob o pseudonymo de mad. Dumont, conhecia todas as aguas-furtadas de Paris onde se escondia a miseria; para nunca recusar a pessoa alguma, que lhe pedisse dinheiro, o servil-a, tem sido realmente necessario absorver um enorme capital. Tres ou quatro riquezas se summiram successivamente n'esse immenso sorvedoiro, não fallando no preço das suas obras, nem no resultado das subscripções que se tem feito a favor d'elle!

Não supponham os leitores que estou fazendo o orçamento de mr. de Lamartine, esmiuçando as verbas de receita e despeza para justificar o *deficit* formidavel, demonstrado pelas suas dividas. Deus me livre de tal! O periodo antecedente veiu unicamente para servir de transição para o ponto principal de que temos a tratar n'este artigo, e que vae designado no titulo: «As Confidencias de Lamartine».

N'uma das innumeras vezes em que os embaraços financeiros do grande poeta o tem posto á mercê de uma chusma de crédores, exhaustos todos os recursos, não houve remedio, para aplacar os latidos d'esse Cerbéro de múltipla guela, senão atirar-lhe com um bolo de mel que o fizesse ter paciencia. Esse bolo de mel tinha de ser forçosamente (era o ultimo que restava) a quinta de Milly, onde o poeta passára a sua infancia, e em cujo torrão bemdito estavam enraizadas tantas recordações, em que se enlevava o seu coração de filho affectuoso, de fino amante e de extremoso pae.

Comtudo, os crédores eram exigentes; a escriptura de venda estava em cima da mesa; o cantor das *Meditações* via-se constrangido a assignar. E assim, com uma pennada, ia alienar para sempre aquella casa, cujas pedras tinham voz, e voz que fallava de saudades, a sala em que seu pae, á noite, lia em voz alta algumas estrophes da *Jerusalem Libertada*, em quanto o futuro poeta, loira criança então, parava de brincar, e vinha, manso e manso, encostar-se aos joelhos do cavalheiro de Lamartine, e deliciar-se ouvindo essa melodiosa linguagem dos versos, que depois havia de fallar tão magistralmente.

Alienar tudo isso era impossivel! O jardim onde corrêra e pulára com suas irmãs; a rua sombria onde, ao cair da tarde, via passeiar sósinho o vulto venerando de sua mãe, a pensar em Deus... e nos filhos, essas bençãos da Providencia; o quarto onde fizera os seus primeiros versos, onde, ainda impubere, se sentíra com terror arrebatado nas garras d'essa aguia de Jupiter, que se chama inspiração, transpozera allucinado os vertiginosos páramos do sublime, e acordára depois estupefacto, como Ganimedes, no Olympo, no convivio immortal dos grandes genios, onde o collocou a sentença unanime dos seus contemporaneos, sentença que ha de ser ratificada pela posteridade!

Occorreu-lhe então uma idéa salvadora! As *Confidencias*, as memorias intimas do seu coração, estavam escriptas e destinadas a não verem a luz da publicidade. Já por mais de uma vez se recusára a vendel-as a editores, e nem Emilio de Girardin, proprietario e redactor principal da *Presse*, conseguira comprar-lhe a propriedade d'esse livro, cujos primores não eram para o publico os saborear. Mas n'aquelle instante não havia hesitação possivel. Em vez de assignar a escriptura da venda, escreveu uma carta a Girardin, acceitando a proposta. Venderam-se as *Confidencias*, salvou-se Milly, e o publico póde admirar o mais primoroso dos livros de prosa do grande escriptor.

Mais primoroso, de certo. Poucos, como Lamartine, sabem revestir desaffectadamente a idéa dos mais esplendidos recamos do estilo, e poucas vezes Lamartine soube ser tão fluente, tão elegante, tão encantador, tão gracioso e tão singelo como nas inimitaveis paginas, escriptas sobre o joelho, da *Graziella* e da *Regina*.

As *Confidencias* são mais do que um livro bonito, são um livro bom. Alli não ha só viveza de imagens e frescura de colorido; ha tambem, e principalmente, alteza e bondade de pensamentos, perfume de amor suave e santo. As *Confidencias* hão de ter sempre o primeiro logar n'uma bibliotheca de familia.

Como pintor da vida intima, como cantor das alegrias do lar, ainda ninguem egualou Lamartine. Sei eu de um que o excede talvez, mas que, chamado para outros assumptos pelo seu vastissimo genio, e cantor principalmente d'essa grande familia humanidade, apenas tem algumas vezes feito vibrar essa corda, desferindo-a, é certo, como ninguem. Esse já todos o adivinharam — é Victor Hugo.

Quem tem visto as perolas de suavidade e de mimo,

dispersas pelas collecções de poesias do exilado de Guernesey, dirá se me engano. Hetzel, o editor litterario que, debaixo do pseudonymo de Stahl, conquistou uma bem merecida reputação de escriptor humoristico, reuniu estas perolas n'um collar a que deu o nome de *Les Enfants*. Este livro póde figurar ao lado das *Confidencias*. Completam-se os dois, para assim dizer.

Eu me explico.

Lamartine, a quem Deus concedeu as alegrias da paternidade só para lhe fazer sentir mais amarga a dor da perda de um ente querido, Julia, sua filha, não conhece, e não descreve, e não canta as doçuras que sente um homem que se vê rodeado de uma ninhada de entes frageis e gentis a quem dá (suave encargo em que as dores são prazeres, o sacrificio triumpho) o alento e o calor da vida. Os quadros de familia dos livros de Lamartine são sempre recordações da infancia, sensações do passarinho que sente empennar-se-lhe o corpo ao doce bafo maternal. Ninguem o excede, ninguem o eguala n'esses quadros, ninguem sabe agrupar com tanta arte as figuras, dar tanto a proposito os toques, espalhar, em fim, as côres a um tempo ardentes e meigas n'essa risonha tela.

Victor Hugo, filho de um velho militar um tanto rude, de quem sua mulher teve que se separar, educado por sua mãe com amor sim, mas não com o suave e providente carinho, com o incrivel extremo que Lamartine deveu ao anjo da guarda da sua infancia, Victor Hugo só principiou a conhecer verdadeiramente as alegrias da familia quando o elegante vulto de sua esposa começou a esvoaçar no seu gabinete de trabalho, e quando esses róseos cherubins, que são o orgulho e o flagello das mães, se lhe começaram a sentar no collo, e a interromperem com as suas gargalhadas infantis as idéas gigantes que tumultuavam em turbilhão na vasta fronte do poeta pensador.

Por isso Victor Hugo canta as crianças, em quanto Lamartine canta os velhos. Por isso Victor Hugo descreve as scenas da sua edade madura, Lamartine as da sua edade infantil; e por isso esses dois magnificos livros, as *Confidencias* e as *Crianças*, se completam e devem ser inseparaveis n'uma bibliotheca de familia.

Além d'essas scenas familiares, que formam as primeiras paginas das *Confidencias* e das *Novas Confidencias*, tem este livro dois episodios: *Graziella* e *Regina*.

São dois nomes de mulher, são dois vultos adoraveis, typos magistraes, cuja cópia do natural dá tanta honra a Lamartine, como se fossem creações de romancista. E a historia d'esses dois amores, n'um dos quaes é heroe o proprio poeta, no outro um seu amigo, é por tal fórma interessante e commovente, que os leitores não se tem podido deshabituar de chamar a esses dois episodios romances, e de os ler e considerar como taes.

Eu creio piamente na verdade do minimo incidente d'essas historias. E quem se quizer convencer tambem d'isso dispa o enredo dos encantos da narração, das galas do estilo, dos brocados da linguagem, e verá se não encontra dois casos muito simples, a que o talento extremamente colorista de Lamartine soube dar o interesse das mais complicadas peripecias.

Quem vir o modo como Lamartine escreve a historia, e conta os factos mais verdadeiros, mais sabidos, sem os alterar, comprehende logo como póde ter uma apparencia romantica o caso mais simples da vida do auctor. Tudo poetisa, a tudo dá um extraordinario relêvo, qualquer thema lhe serve para bordar as mais admiraveis variações.

É certo que Lamartine tem sabido, mais do que qualquer outro, dar immortalidade ás pessoas com quem se achou ligado. Ao lado d'essas figuras ideaes, que fazem parte da galeria dos seculos, a Haydée de Byron, a Julia de Rousseau, a Flora de Walter Scott, a Virginia de Saint Pierre, a Esmeralda de Victor Hugo, etc., hão de figurar, competindo com estas, em gracioso idealismo, a Graziella, a Julia, a Regina de Lamartine.

Quem diria á pobre Procitana que a posteridade havia de decorar o seu nome, e que o seu affecto, provavelmente singelo e rude, havia de atravessar os seculos, perfumado de ideal; que as suas fallas, que lhe brotavam nativas e desornadas do coração, haviam de se transformar em bellissimas expressões, repassadas de sentimento e de melodia, e que o livro dos seus amores havia de ser o breviario de todos os namorados, o confidente dos sonhos virginaes das donzellas, das audaciosas esperanças dos rapazes?

O episodio de *Regina*, no segundo volume das *Confidencias*, fórma o *pendant* da *Graziella*. Egualmente sentido, egualmente bem contado, tem, a par do interesse do caso (não ouso dizer enredo), raras magnificencias de estilo.

A *Graziella* tem actualmente as honras de uma versão portugueza feita por mão de mestre, por Bulhão Pato. A louçania da phrase do escriptor francez nada perdeu em ser transplantada para a nossa opulenta linguagem.

Intentei traduzir a *Regina*, não porque me sentisse com forças para o fazer com egual exito ao que teve o esmerado traductor da *Graziella*. Tal qual é, sempre os leitores do *Archivo* poderão perceber, ainda que de longe, o que será o original.

Disse Castilho de uma das traducções que por ahi correm da *Eneida Virgiliana*, que era um panno de raz do avêsso; o mesmo acontecerá á minha. Paciencia! Sempre se hão de perceber os lineamentos.

Se a Graziella, que era plebéa, teve por interprete em linguagem portugueza um dos principes da nossa litteratura, justo é que a Regina, que é princeza, tenha, em virtude da lei das compensações, por interprete um plebeu que se chama M. Pinheiro Chagas.

(Continua)

COIMBRA

QUINTA DE SANTA CRUZ

Nenhum mosteiro em Portugal tinha junto a si uma cêrca tão grandiosa como esta, pela extensão e bem assombrado das ruas que a cortam, e pelas obras de arte com que a adornaram. Poucas quintas possuia o nosso paiz assim formosas e ricas pela espessura dos bosques, pela grandeza colossal das arvores, e pela abundancia das aguas que a fertilisam. Constituindo um dos mais bellos ornamentos da cidade de Coimbra, correspondia perfeitamente á nobreza e opulencia da ordem dos conegos regrantes de Santo Agostinho, e ás honradas memorias do mosteiro de Santa Cruz, a que pertencia.

Ainda ha trinta annos fazia as delicias e lisongeava o orgulho dos moradores de Coimbra, e encantava a quantos estrangeiros a visitavam, porque ás bellezas que encerrava davam nova graça e mais lustre o alinho e aceio com que era cuidadosamente conservada e tratada. Porém, poucos annos depois, extinctas as ordens religiosas, o governo, n'uma d'essas horas aziagas em que entregou ao camartello tantos monumentos de gloria nacional, e em que desbaratou tantos valores a troco de mesquinhas quantias que entravam a custo no thesoiro, mandou pôr em praça a magnifica cêrca do mosteiro de Santa Cruz.

A propriedade foi vendida promptamente, e, passado algum tempo, rendia ao comprador mais alguns alqueires de milho. Porém este augmento de produc-

ção custou á cidade e ao paiz o sacrificio de uma grande perda, verdadeira perda em todo o sentido, pois que foi mister derrubar cerrados bosques de frondosas arvores.

As compridas ruas que dividiam em quarteirões estes bosques, hoje terra de lavoira, ainda lá existem toldadas pela immensa copa das arvores que as guarnecem; mas damnificadas mais ou menos pelas chuvas, invadidas ou mal limpas da herva e das folhas séccas.

Como as ruas vê-se tudo o mais que era d'antes consagrado ao recreio. Doe n'alma, realmente, ver assim destruido ou desprezado o que foi obra de tamanhos esforços, de tão grande cabedal e de tanto tempo.

O que mais avulta, e mais nomeada tem dado a esta quinta, são duas peças, que, sem duvida, bastam por si proprias para a fazerem celebre. Uma é o *jogo da bola;* a outra o *grande lago.* O primeiro occupa um vasto quadrilongo, para o qual se sóbe por uma ampla escadaria de treze degraus. É uma formosissima praça, cuja entrada é formada por um bello portico, composto de tres arcos, coroados pelas estatuas de marmore da *Fé*, no arco central; e da *Esperança*



Jogo da bola na quinta de Santa Cruz

e *Caridade* nos lateraes. No fundo da praça, em correspondencia d'este portico, ergue-se uma cascata, decorada com duas estatuas de marmore, que representam dois evangelistas escrevendo o Evangelho, sentados sobre rochedos, e na parte superior com a imagem de Nossa Senhora da Conceição, esculpida em jaspe. A agua rebenta e despenha-se de rochas, imitando a natureza; e repuxa de duas taças e de um lago, que recebe todo o manancial.

Os outros lados da praça são guarnecidos de assentos de cantaria com as costas azulejadas; e no centro está o jogo da bola, occupando dois terços da mesma praça. Junto dos assentos, pela parte de fóra, prolongam-se dois renques de corpulentos carvalhos e loireiros, que estão cobrindo com seu manto de verdura quasi toda esta deliciosa estancia.

Pelos lados da cascata sobem duas altas escadarias. A da direita termina em uma alameda de loireiros, que conduz ao grande lago. É este de fórma circular, com grade de ferro em volta, servindo de encosto. No meio levanta-se uma ilha com suas plantações; e de um lado da borda precipita-se n'elle com fragor uma grossa torrente. É muita a sua profundidade, e tal o seu diametro, que admitte barcos de recreio, e alli os tinham os conegos, que muito gostavam d'esta diversão.

Em torno do lago volteia uma espaçosa rua, a que fazem parede compacta mui altos cedros tosquiados, aos quaes se encostam assentos de pedra, e que apenas deixam livre passagem por baixo de alguns arcos formados dos seus proprios ramos, e que dão saída para outras tantas ruas orladas de arvoredo.

A *alameda de Santo Agostinho*, assim chamada antigamente por ter no topo, em azulejos, a imagem d'este patriarcha; a *fonte do Tritão;* e o *Horto*, especie de gruta em que figuraram o Senhor orando sobre o monte, e nas faldas d'este os apostolos deitados e dormindo; são os outros logares mais notaveis d'esta quinta.

No meio, porém, d'esses sitios aprazíveis e de variadas bellezas, que tantos gozos suaves e puros transmittem aos olhos e á alma de quem os contempla, ergue-se silenciosa e triste a imagem da morte. É um tumulo que alveja sob a copa gigantesca do annoso arvoredo, e através da viçosa e ridente folhagem dos laranjaes. Cobre a fria pedra as cinzas de um gentil mancebo, que uma desgraça lançou na sepultura, quando a vida lhe sorria esperançosa, e a fortuna lhe promettia favores. Chamava-se Massey, e era official de um regimento inglez pertencente á divisão do general Clinton, que veiu a Portugal em 1827. Achando-se aquartelado com o seu regimento no collegio de S. Bernardo, lembrou-se um dia de ir passeiar a cavallo pelas margens encantadoras do Mondego. Era uma tarde tão linda da primavera, e estava a paizagem tão risonha, que o joven official não se fartava de devassar aquellas densas florestas que bordam o rio, e os lagos que se entremeiam com as arvores junto das margens. Animado com um primeiro ensaio, tentou vadear um lago fronteiro á *ponte de Aguas de Maias;* mas em breve perde o pé e desapparece na profundidade do pégo. Contava apenas vinte annos, e passava pelo official do regimento de mais gentileza e de mais esmerada educação. Seu corpo foi encontrado depois, e os companheiros saudosos pediram e alcançaram do dom prior geral dos conegos regrantes um logar para sepultura do mallogrado mancebo na cêrca do mosteiro de Santa Cruz. Mais tarde erigiram-lhe um modesto mausoleo de marmore.

A nossa gravura, copiada de uma photographia, mostra o portico que dá entrada para o jogo da bola, e no fundo, entre o massiço das arvores, a parte superior da cascata.

I. de Vilhena Barbosa.

O CHANCELLER BACON

(Vid. pag. 234)

V

O seculo XVI começa quasi ao mesmo tempo em que dois homens eminentes principiam a sua vida, e se levantam como precursores dos grandes e illuminados pensadores do seculo seguinte. Jeronymo Cardano e Pedro Ramus, italiano um, outro francez, catholico o primeiro, e o segundo já contaminado nos erros de Luthero, arremeçam-se vehementes contra a velha doutrina aristotelica, e canonisam a liberdade da investigação e do raciocinio perante as potencias officiaes, ainda encadeadas á auctoridade da escholastica.

Pedro de la Ramée, cujo nome foi alatinado em *Ramus*, segundo o estilo dos eruditos e philologos d'aquelle seculo, nasceu em Cuth, no Vermandois, antiga provincia franceza, em 1502. Levantado da humilde condição de famulo no collegio de Navarra até ás honras academicas de mestre-em-artes, ousou tomar por assumpto da sua primeira these a mesma heresia que, no seculo XIII, dera azo ás perseguições e encerros de Rogerio Bacon. Ramus sustentava que tudo o que Aristoteles ensinára eram erros, falsidades e chimeras, e tinha como evidente que a sciencia e a philosophia se deviam reconstruir sobre mais racionaes e mais firmes fundamentos. A Sorbona, a grave e austera faculdade de theologia, insurgiu-se contra o temerario innovador, e a universidade de Paris buscou punir pela intolerancia dos seus processos o philosopho juvenil, que a dois seculos de distancia repetia as eloquentes objurgações do franciscano de Ilchester, contra a vacuidade da doutrina consagrada na tradição e no espirito das escholas. A cáthedra em que Ramus começava a resplandecer pela novidade das suas lições foi-lhe defesa por algum tempo, e o homem devotado pela philosophia, o precursor de Bacon e de Descartes, aquelle a quem no principio haviam pretendido mutilar a intelligencia em nome de Aristoteles, terminava a sua carreira perturbada tantas vezes durante as temerosas facções dos Guises e dos huguenotes, immolado na carnificina de *Saint Barthélemi*, com que para sempre se infamou a côrte de Carlos IX.

Jeronymo Cardano, espirito eminente, geometra, medico, philosopho, sellou tambem com os infortunios da sua vida o triste privilegio da sua nobreza intellectual. Nascido em Pavia em 1501, a sua, para aquelles tempos, vasta sabedoria illustrou muitas das cidades italianas, então mais celebradas por suas escholas, e depois de uma carreira, em que o talento luctou com todas as contradicções de um temperamento extravagante, veiu Cardano a morrer de fome, para justificar, segundo referem, o horóscopo que de si proprio havia escripto, e lhe prophetisava este desastroso acabamento.

Cardano pagava aos preconceitos do seu seculo o tributo da credulidade no influxo moral dos planetas. Mas através das illusões, dos erros, das allucinações philosophicas do seu espirito, em Cardano transparecem os vislumbres de uma razão altamente especulativa, os predicados que lhe deram logar entre os mais benemeritos pensadores do seculo XVI. O seu entendimento, ainda meio escondido na penumbra da edade média, que havia pouco se despedira, recebia já os primeiros clarões do renascimento.

Cardano, a quem o profundissimo Hegel, nas suas *Lições sobre a historia da philosophia*, celebra como um dos pensadores independentes que no seculo XVI abriram ao espirito moderno o caminho dos seus triumphos, é como Ramus, como Giordano Bruno, como o fogoso dominicano Campanella, um entendimento original, inconstante, aventuroso, energico, hasteando a bandeira da insurreição contra todas as idéas recebidas, rejeitando a herança intellectual dos seus passados, mettendo os hombros á empreza, para elles ainda sobre-humana, de crear uma sciencia nova, e de fundar desde os alicerces uma nova philosophia. Cardano é a representação individual da fermentação, da anarchia, da dissolução de todo o saber antigo e das contradicções em que laboram os espiritos, quando a dúvida derroca dos seus venerandos pedestaes os numes da auctoridade e tradição. [1]

Exactamente no meiado do seculo XVI, veiu ao mundo Giordano Bruno, na cidade de Nola, do reino de Napoles. A illustrissima familia dominicana, em cujo gremio se haviam filiado tantos dos mais celebres espiritos da edade média, recebeu a Giordano Bruno, que depois, despindo por sua apostasia os habitos monacaes, abraçou a reforma calvinista. Bruno era um d'estes inquietos agitadores do pensamento, um d'estes revolucionarios espirituaes que, sacudindo por opprobrioso o jugo de toda a auctoridade, se alevantam por dictadores da crença e da razão. Inimigo implacavel de Aristoteles e da velha philosophia, as suas doutrinas innovadoras despertam contra elle a sanha dos theologos napolitanos. Fugindo á intolerancia dos seus antigos cenobitas, busca a cidade de Genebra, então séde e capital do calvinismo, como aquella onde lhe seria licito elevar o pensamento á sua genial independencia. Na cidade calvinista professa nas escholas a sua audaz philosophia. Calvino e Theodoro de Béze, a quem a reforma protestante tornára ainda mais intolerantes que os monges napolitanos, presentem no dominicano apostata um temeroso contendor. Giordano Bruno julga prudente refugiar-se em Londres. D'aqui vae a Wittemberg, a cidade lutherana por excellencia, e a estranheza das

[1] Wilm. *Historia da philosophia allemã desde Kant até Hegel.* Paris, 1849, t. IV, pag. 70.

suas doutrinas levanta contra elle a publica animadversão dos proprios reformadores religiosos. Volve á patria, e, caíndo no poder da inquisição, é por ella suppliciado.

Giordano Bruno é, segundo Hegel [1], um dos mais inspirados precursores da philosophia moderna, e, em linha recta, um dos mais authenticos antepassados da eschola philosophica allemã.

VI

Entre todos os homens eminentes que, ao sair da edade média, prepararam os espiritos para a mais racional comprehensão da natureza, merece indisputavelmente o primeiro e mais honroso logar aquelle astronomo profundo, que formulou claramente, contra os preconceitos de tantos seculos e contra as resistencias da ignorancia, o verdadeiro systema do mundo planetario.

De todas as provincias da philosophia natural havia sido a astronomia a mais dilectamente cultivada pelos philosophos antigos. A grandeza e magestade dos espectaculos celestes, esta representação material do Infinito, esta manifestação eloquente da Omnipotencia e da Immensidade, attrahiam naturalmente os espiritos reflexivos a meditarem sobre as fórmas, as leis, as harmonias e as causas dos phenomenos sideraes.

Desde os mais antigos tempos fôra proverbial a diligencia com que os chaldeus se haviam applicado á observação dos phenomenos celestes. «A astronomia, diz um dos mais illustres philologos e antiquarios allemães d'este seculo, degenerava frequentemente entre os chaldeus, ou melhor se póde affirmar haver sido a ultima a despertadora da primeira. Deveu a astronomia os seus progressos na mais remota antiguidade ao desejo que tinham os homens de adivinhar o futuro pelo aspecto e movimento dos corpos celestes. Se não houvera sido esta sciencia vã da astrologia, difficilmente se haveria consagrado á astronomia um estudo perseverante por mais de tres mil annos, que são decorridos desde o principio dos fastos astronomicos». [2]

O genio grego — em que a philosophia e a esthetica se enlaçavam irmãmente na intuição d'estas duas gemeas representações do infinito, o *verdadeiro* e o *bello*, a natureza e a arte — em quanto por um lado se levantava pelas maravilhosas faculdades da imaginação até ao Parthenon de Athenas, ao Jupiter de Phidias e á Venus de Praxiteles, esvoaçava nas azas do pensamento philosophico, nos sonhos sublimes de Pythagoras e nas já menos vagas theorias de Philolau, até á contemplação do grande *Cosmos*.

Mas os gregos, apesar dos progressos innegaveis que lhes deveu a astronomia, foram mais celebrados por suas noções especulativas, do que pela proficiencia dos seus meios experimentaes. As suas theorias, quasi inteiramente instituidas *à priori*, e baseadas sobre as noções da razão pura, se mostravam por um lado o vigor do entendimento e os milagres do raciocinio, tinham a notavel desvantagem de confundir, nos erros dialecticos, a verdade da natureza com os sonhos brilhantes, mas inanes, de uma exaltada imaginação.

A eschola de Alexandria, vasta e energica elaboração e syncretismo de tudo quanto havia legado a antiguidade até aos tempos de Alexandre Magno, e de tudo quanto o espirito podéra conquistar depois das largas expedições de Macedonio, imprimiu nas sciencias mathematicas, e principalmente na astronomia e cosmographia, um impulso fecundo e salutar. Aristarcho de Samos, rejuvenescendo e aperfeiçoando as antigas idéas pythagoricas ácerca do systema do mundo, adivinhava os dois movimentos de que é dotada a terra, e attribuia ao sol a immobilidade no centro do universo. Mais tarde, um sabio egualmente alexandrino, Seleuco de Babylonia, confirmava a doutrina de Aristarcho, ainda mal acceita pelos cosmographos e philosophos. Hipparcho, o primeiro astronomo da antiguidade, enriquecia a sciencia pela excellencia das suas observações, pela correcção dos seus calculos, pelo descobrimento da precessão dos equinoxios, que geralmente se lhe attribue, e por ser o primeiro que, applicando os phenomenos celestes á determinação geographica dos logares da terra, tem irrecusavelmente a palma como inventor da geodesia.

As arrojadas concepções dos geometras e philosophos das mais bellas edades, em que se reparte a civilisação hellenica, foram, certamente, luz guiadora para os modernos pensadores do renascimento intellectual. As sciencias mathematicas, sem as quaes o genio do homem não poderia nunca interpretar os phenomenos do universo, e dictar ao *Cosmos* as suas leis admiraveis, foram progredindo e acompanhando nos seus desenvolvimentos a sciencia experimental.

Nicolau Kopernick, ou Copernico, é no seculo XVI um talento sem rival na esphera das sciencias naturaes. Pertencendo pelo berço ao seculo antecedente, porque nascêra em 1473 em Thorn, na Prussia, Copernico começa a florescer no mesmo periodo brilhante e fecundissimo em que se aventuraram a mares desconhecidos as duas famosas expedições, que, cerrando os ultimos ferrolhos da edade média, abrem esplendidamente a moderna civilisação. Ao mesmo tempo que o genovez Colombo leva a amarra dos seus navios para dotar a Europa com um novo e desconhecido continente; á mesma hora em que Vasco da Gama recebe do venturoso rei o estandarte que lhe ha de servir de signa na sua ousada navegação, o juvenil Copernico formúla talvez no observatorio de Cracovia, onde trabalhava com Brudzewsky, o novo systema do mundo planetario, e propõe-se realisar no ceo uma revolução egual á que na terra deviam operar os dois felizes argonautas.

Cá no occidente dois mareantes, um dominado pelo seu mysticismo cosmographico, o outro inspirado pelo amor da sua terra e pela gloria da sua gente, vão começar a exploração experimental do nosso globo. Ao oriente da Europa, um genio, predestinado a completar a primeira revolução intellectual, prosegue a empreza gloriosa de fundar o verdadeiro conhecimento do ceo.

Depois de visitar as cidades de Padua, de Roma e de Bolonha, volve á patria, e acha nos ocios do canonicato, que lhe fôra conferido na egreja de Frauenberg, o tempo que dedicar ás suas profundas cogitações, e durante mais de trinta annos trabalha em revelar ao mundo os verdadeiros principios astronomicos na sua obra monumental: *De orbium cœlestium revolutionibus* (Das revoluções dos orbes celestes). Aquelle espirito eminente desprendia-se da terra poucos dias depois de ter visto estampadas no seu livro as idéas que haviam sido a sublime preoccupação da sua vida quasi inteira. Segundo a phrase pittoresca de um seu confrade no cabido de Frauenberg, Copernico soltava das mãos a obra immortal do seu talento alguns dias antes de deixar a terra, á similhança do cysne, que modula antes de morrer o mais primoroso dos seus cantos.

Esta apparição de um homem eminente, de um engenho, por assim dizer, predestinado, que, deixando a pouco espaço atraz de si as confusas adivinhações da meia edade, se levanta com a sua impaciente supremacia a reptar as opiniões consagradas pelos seculos, e a professar sobre o que ha de mais sublime na sciencia humana, não uma simples hypothese artificiosa, senão uma verdade, affirmada energicamente

[1] Hegel. *Obras completas. Lições sobre a historia da philosophia*, pag. 226.

[2] Ideler. *Ueber die Sternkunde der chaldäer* (Sobre a astronomia dos chaldeus), nas *Memorias da academia real das sciencias de Berlim* (Abhand lungen der Königlichen Akademie der Wissenschaften in Berlin) 1818. *Classe historico-philologica*, pag. 204.

como um dogma, é incontestavelmente o primeiro protesto da razão moderna contra o jugo da tradição, e o primeiro élo d'esta cadeia admiravel que prende ao seio da natureza o entendimento humano em nossos dias. Desde a theoria de Copernico a astronomia era a primeira que tomava o seu logar na renovação moderna das sciencias. A terra, fatigada do seu espasmo diuturno á voz da sciencia tradicional, saía a correr mundo, e em vez de ser, como até alli, o centro, a razão, a *finalidade* do universo inteiro, era apenas um planeta como Venus, como Saturno, como Jupiter. O sol, reputado até então como creado por Deus para ser a lampada brilhante ao serviço do nosso globo, tomava o seu logar de honra entre o cortejo dos planetas, era votado á immobilidade, em quanto os subsequentes progressos da sciencia não o equiparavam na genealogia, no movimento e na estructura, aos planetas mais obscuros.

Os primeiros lampejos da doutrina de attracção universal, a noção ainda confusa d'esta força, que mantem no espaço os corpos planetarios, allumiavam tambem o espirito eminente de Copernico. [1]

«A revolução scientifica operada por Copernico (diz o sabio universal, cujo nome e citação acode naturalmente ao descorrer dos phenomenos do universo e do progresso das sciencias naturaes) foi tão propiciamente bafejada pela fortuna, que, exceptuada a breve suspensão effectuada pela hypothese retrograda de Tycho-Brahe, se foi sempre a sciencia encaminhando para o seu fim, isto é, para o descobrimento da verdadeira estructura do universo. O copioso peculio de exactas observações, com que o proprio Tycho-Brahe, ardente adversario de Copernico, enriqueceu a astronomia, contribuiu para que se descobrissem as leis eternas do systema planetario, as quaes doiraram o nome de Kepler com o esplendor de uma gloria imperecedoura, e interpretadas por Newton, por elle theoricamente demonstradas e deduzidas como resultados necessarios, foram transportadas até á esphera luminosa do pensamento, e fundaram o conhecimento racional da natureza. [2]

Copernico não era apenas o reformador obscuro de uma provincia do saber. Não era como os engenhos que haviam antes phosphorecido que brilhado na penumbra da edade média. Era uma luz vivissima que illuminava a manhã intellectual, e deixava que transparecessem os mais reconditos arcanos da natureza. Tocar no ceo era o mesmo que revolucionar a natureza inteira nas suas infinitas relações com o pensamento. O mesmo verbo irresistivel e inspirado, que dava á terra, até alli immovel, a ordem de marcha nos espaços immensuraveis, era tambem preceito á intelligencia, para que, violada a immobilidade da tradição, se arremeçasse vigorosa nos caminhos do futuro. O mesmo espirito que soltava a terra das suas prisões emancipava a razão das cadeias da auctoridade.

(Continua) J. M. Latino Coelho.

LEITURA PARA AS ESCHOLAS

XVII

CARICATURAS

Designam-se assim as composições grotescas em que o artista exaggera os defeitos e as attitudes do corpo, bem como a expressão da physionomia, com o intento de provocar o riso. O termo é italiano; vem de *caricare*.

[1] É o que se prova com uma passagem notavel do livro de Copernico — *De orbium cœlestium revolutionibus*, liv. I, cap. IX. «Na verdade, diz o grande philosopho, julgo que não é outra coisa a gravidade senão uma certa *appetencia* natural de que são dotados os corpos pela Divina Providencia do Supremo Artifice do universo, para que possam manter-se em sua unidade e inteireza, e tomar a forma de globos. E a mesma qualidade é de crer que exista no sol, na lua e nos demais corpos errantes, para que, por efficacia d'ella, permaneçam em sua redondeza.

[2] Humboldt. *Cosmos*. Trad. fr. de Faye e Galusky, t. II, pag. 375.

A maior parte das composições de Callot, e especialmente a sua tentação de Santo Antonio, representa caricaturas. Os inglezes primam n'este genero; se a sua eschola é incontestavelmente inferior, no estilo nobre, a todas as escholas do continente, no estilo burlesco é incontestavelmente superior. Se os inglezes riem menos que qualquer europeu, são muito habeis para provocar o riso.

Qualquer desenho ou quadro grotesco não entra na classe das caricaturas. Os quadros de Teniers, onde os objectos se apresentam sob aspecto risivel, não são caricaturas, porque não ha exaggeração nem imitação exacta de uma natureza ás vezes simples, mas quasi sempre ignobil.

São realmente caricaturas as composições ao mesmo tempo graciosas e sérias, em que o pincel de Hogarth reune com talento singular os disparates de que se compõem as circunstancias mais graves da vida humana, e em que, n'uma serie de quadros, que são outros tantos capitulos de demonstração philosophica, dá, gracejando, lições de alta moral. Onde houver fidelidade na similhança, ainda que o modêlo seja ridiculo, não ha caricatura.

Dividem-se as caricaturas em duas classes: as que só tem por fim divertir o espectador apresentando-lhe personagens ou scenas imaginarias, o que tambem, em estilo de officina, se chama *bambochata*; e as que tem por fim attrahir ridiculo sobre individuos reaes e factos verdadeiros, disfarçar homens e parodiar boas acções; as caricaturas d'esta especie pertencem á satyra.

Applicada aos individuos, o talento do caricaturista consiste em conservar-lhes a similhança, exaggerando os defeitos physicos; applicada ás coisas, consiste em collocar na circunstancia ridicula o traço mais caracteristico de um facto grave.

A allegoria é de grande recurso na caricatura satyrica. Miguel Angelo empregou-a poderosamente. Cançado das impertinencias de certo cardeal, que o mortificava com censuras em quanto trabalhava no seu quadro do Juizo final, collocou fóra do Paraiso sua eminencia, com os attributos da ignorancia e da preguiça. O cardeal não figurava com as vestes vermelhas; mas a similhança era tão perfeita, que ninguem poderia enganar-se. O cardeal pediu justiça ao papa d'este insulto. O papa, era Julio II, que tinha para com o seu pintor considerações que nem sempre praticava para com os seus familiares, limitou-se a pedir a Miguel Angelo que perdoasse o reprobo.

—«Santissimo padre, respondeu o artista, se o cardeal estivesse no purgatorio, o seu pedido poderia livral-o; mas está no inferno, e vossa santidade sabe que quem lá entra não sae. *In inferno nulla redemptio*».

O retrato do cardeal não foi apagado do quadro.

A vingança dos poderosos da terra é menos para temer que a do homem de genio.

Os inglezes primam tambem na caricatura satyrica, de que usam com a maior liberdade: os mais augustos personagens e as mais importantes operações do governo são por elles dados incessantemente, sob esta fórma, á gargalhada publica. As caricaturas são em Londres o que em Roma são as *pasquinadas*, e em Paris as canções.

A caricatura é a mais temivel de todas as fórmas da satyra. Devemos sempre reproval-a quando é torpe ou ignominiosa. A caricatura falla ao homem que não sabe ler; indo ao encontro dos transeuntes nas ruas, agrupa a multidão nas encruzilhadas, e torna-se comprehensivel a todas as intelligencias; porque, no grupo que se fórma em volta da caricatura, embora sejam innumeras as pessoas singelas, sempre haverá algum malicioso que a explique. Comprehenderá a caricatura até o homem que não entender a lingua do paiz, porque é um dialecto da lingua universal.